

## **Flor de Mandacaru: literatura de cordel em Língua Brasileira de Sinais**

Bruno Veloso de Farias Ribeiro\*

### **Sou cuscuz: literatura de cordel em Libras**

Este trabalho pretende analisar um cordel sinalizado em Língua Brasileira de Sinais (Libras) à luz dos estudos culturais surdos. O cordel é uma literatura tipicamente nordestina, produzida em língua portuguesa e possui características visuais próprias que refletem a cultura regional. Entretanto, esse tipo de produção não tem a mesma tradição dentro da comunidade surda em língua de sinais. Nesse contexto, é importante levar em conta todo o histórico de tradição literária das duas línguas e a cultura que surge da interação entre a cultura surda e a nordestina para melhor compreensão.

A Libras foi reconhecida, em 2002, pela Lei Federal 10.436 como língua da comunidade surda brasileira. Até então havia poucas produções acadêmicas e não existiam os cursos superiores que habilitassem profissionais para o estudo e ensino da língua. Além disso, as tecnologias e os sistemas de notação para a escrita de línguas de sinais eram de difícil acesso, por isso as produções

\* Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico de Libras no Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

literárias surdas possuíam menor visibilidade e divulgação. Atualmente, já há vários cursos de Letras/Libras e programas de pós-graduação que buscam responder às demandas linguísticas e políticas da comunidade surda. Levando em conta esse contexto histórico e essa situação atual, este trabalho também busca dar visibilidade a produções surdas para reparar um largo histórico de apagamento de produções literárias sinalizadas.

Em aspectos de produção científica, os estudos culturais surdos já possuem relativa produção acadêmica no Brasil, e a literatura visual/surda é definida como um artefato cultural do povo surdo (Strobel: 2008). Também já existe uma pesquisa de mestrado intitulada *Literatura de cordel em Libras: os desafios de tradução da literatura nordestina pelo tradutor surdo*, da professora Klícia Campos, que aborda a literatura de cordel em interação com a comunidade surda e os desafios tradutórios desse gênero para a língua de sinais.

Com base nisso, delimito o problema de pesquisa que acompanhou o processo de investigação: de que modo a pessoa nordestina foi retratada no cordel e quais foram as estratégias utilizadas para adaptar um gênero literário típico da cultura oral de língua portuguesa para a língua de sinais? A partir desses questionamentos, meu objetivo principal foi analisar os sinais utilizados para fazer referência à cultura e às pessoas nordestinas. Mais especificamente, averigüei as estratégias visuais que foram utilizadas no vídeo que fazem referência a elementos da literatura de cordel.

Para alcançar esses objetivos, elaborei uma metodologia descritiva simplificada de análise qualitativa. Nessa investiga-

ção, utilizei os trabalhos de Strobel (2008; 2009) para considerar aspectos históricos da educação de surdos no mundo; Porto e Peixoto (2011) para conceituar e contextualizar importantes características da literatura surda; e Campos (2017) para abordar o tema dos cordéis em Libras, na tentativa de compreender as relações culturais da comunidade surda no Nordeste.

Nas seções seguintes, serão apresentados (1) um breve resumo da história da educação de surdos e o contexto atual dos estudos de literatura surda; (2) uma discussão acerca da interação da cultura surda e da cultura nordestina, contexto em que surge o contato da comunidade surda com a literatura de cordel; (3) a apresentação e análise de um cordel em Libras, que será discutido sob uma análise qualitativa; e, por fim, (4) as considerações finais.

### **Sou resistência: contexto histórico e cultural da literatura surda**

Os estudos culturais de crítica literária são de difícil definição. Segundo a professora titular e emérita da UFMG, Eneida Maria de Souza, os estudos culturais surgiram para responder a uma demanda de contextualização do objeto literário, utilizando estudos antropológicos, históricos, políticos etc., que eram pobremente levados em conta até então (Souza: 1998). Nesse sentido, percebe-se uma interdisciplinaridade que contribui para a compreensão, análise e crítica literária.

Ao tratarmos cientificamente de obras literárias produzidas em Libras por pessoas surdas, enriquecemos a discussão ao assumirmos uma postura dentro dos estudos culturais. Isso nos

proporciona uma visão mais apurada acerca das políticas linguísticas, do reconhecimento, do prestígio e da estigmatização das línguas de sinais, da cultura surda, das tecnologias e dos sistemas para escrita e registro de obras sinalizadas etc. Na presente seção, para analisar uma obra sinalizada em Libras, pretendo fazer uso desses conceitos, utilizando, principalmente, autoras surdas.

A literatura surda ou literatura visual é definida por Porto e Peixoto (2011, 167) como “uma modalidade de produção literária que utiliza a visão como principal fonte de captação da informação”. É uma literatura produzida em línguas de sinais, pela comunidade surda<sup>1</sup> e, por isso, está intimamente ligada às políticas linguísticas ao longo dos séculos. Nesse contexto, conforme dados levantados por essas autoras, não há registros de literatura em línguas de sinais até a década de 1960. Essa ausência revela um apagamento político das identidades surdas e comunidades linguísticas sinalizantes, bem como uma sobrevalorização da língua oral na modalidade escrita.

Em termos históricos, segundo Strobel (2009), foi apenas em meados da Idade Moderna que as línguas de sinais começaram a ser utilizadas na educação de surdos. Não obstante, até esse momento, não possuíam sistema de escrita. Já na transição para a Idade Contemporânea, em 1880, aconteceu o Congresso de Milão, que reuniu educadores/as de surdos de todo o mundo, mas,

<sup>1</sup> Segundo Strobel (2009, 6), a comunidade surda é formada por pessoas não apenas surdas, mas também ouvintes que utilizam a língua de sinais.

contraditoriamente, foram proibidos o voto e a entrada de pessoas surdas no recinto. Nessa reunião, decidiu-se que as línguas orais, a leitura labial e a exclusão do uso de sinais deveriam ser implantadas em toda educação de surdos. Esse momento, segundo Strobel (2009), ficou conhecido como “isolamento cultural”.

Devido à tentativa de isolamento e de extermínio das comunidades sinalizantes, pode-se imaginar que muitas produções literárias em língua de sinais não foram registradas e se perderam ao longo do tempo. A título de exemplificação, é possível trazer uma afirmação de Porto e Peixoto (2011) que versa sobre constituírem as piadas sinalizadas uma expressão literária nativa da Libras, pois abordam questões do cotidiano da comunidade surda e utilizam elementos figurativos expressos em língua de sinais. Para compreendê-las, portanto, é necessário um conhecimento avançado da língua e da cultura. Provavelmente, produções assim existiram nas antigas comunidades surdas.

Em 1960, com o artigo “Language Structure: an Outline of the Visual Communication System of the American Deaf” publicado pelo cientista William Stokoe, nos Estados Unidos da América, foi mostrado que a Língua de Sinais Americana era de fato uma língua, com todas as suas características. Devido a isso, voltou-se o olhar para pesquisas da área e, na educação de surdos, a língua de sinais foi novamente valorizada (Strobel: 2009). Dessa maneira, estudos mostram que, a partir da década de 1960, foram empreendidas novas produções de literatura visual e, com os avanços tecnológicos, nas últimas décadas, o registro e a publicação estão sendo largamente ampliados.

Tendo isso em vista, após a “longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o seu direito linguístico cultural” (Strobel: 2009, 37), hoje temos apontamentos que reconhecem a Libras como uma língua viva e politicamente respaldada. Nesse novo cenário, a literatura surda possui três tipos de produções básicas: (1) as produções traduzidas de obras já publicadas em língua oral; (2) as produções adaptadas traduzidas a partir de uma perspectiva cultural, levando em conta as vivências das pessoas surdas; e (3) as que são criadas por pessoas surdas (Porto; Peixoto: 2011).

### **Sou rapadura: contato da comunidade surda com a literatura de cordel**

A literatura de cordel possui ampla tradição no Nordeste brasileiro, é comumente escrita em língua portuguesa e recebe esse nome por ser apresentada pendurada em cordas (figura 1). De acordo com Campos (2017, 27), a literatura de cordel é uma produção multiartística no sentido de que não é apenas “oral, nem apenas escrita, nem é apenas literatura, é muito mais do que isso, é uma obra de arte total”. Essa característica se explica pela observação de tudo que compõe o cordel, pois leva em conta elementos de artes plásticas, artes gráficas, xilogravura, performance, recitação etc. Em relação aos temas abordados nesse tipo de literatura, por ser uma produção tipicamente nordestina, estão imbricados aspectos culturais como cotidiano do sertão, religiosidade, tradições, mentalidade, cangaço etc. (Campos: 2017).



Fig. 1: Cordéis expostos na Paraíba. Fonte: *Brasil Escola*.

Ainda segundo Campos (2017), a comunidade surda tem acesso aos aspectos visuais e performáticos dessa literatura: diagramação, xilogravuras, mímica e gesticulação. Em contrapartida, as pessoas surdas não têm acesso aos aspectos sonoros característicos da modalidade oral da língua portuguesa: prosódia e rimas; bem como de questões semântico-pragmáticas: gírias. Dessa maneira, para surdos sinalizantes, não há outro caminho para a compreensão dos aspectos linguísticos do cordel, senão a partir da Libras. Dialogando com essa discussão, é possível considerar o que Strobel (2008, 22) afirma:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais,

que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Nessa compreensão, Campos (2017) considera que existe uma interação entre a cultura surda e a cultura nordestina, que se revela, por exemplo, nessa transposição dos aspectos da língua portuguesa para os da língua de sinais. É possível dizer que existe um entrelaçamento importante entre a comunidade surda e a literatura de cordel. A figura 2 abaixo desenha esse entrelaçamento que se configura a partir da interseção entre a cultura surda e a cultura nordestina.

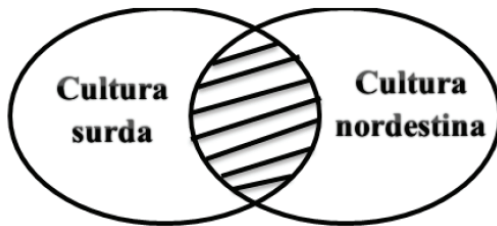


Fig. 2: “Cultura existente entre a surda e a nordestina”. Fonte: Campos (2017).

Atualmente, já existem trabalhos de adaptação e tradução de obras nordestinas de cordel, que levam em consideração a relação apresentada pela figura 2: um deles é o projeto de extensão “Cordel em Libras: uma tradução para a literatura surda”, executado na Universidade Federal da Paraíba, de 2016 a 2018, coordenado pelo professor Valdo Ribeiro Rezende Nóbrega, que é surdo e professor de Libras na mesma universidade. Existem ainda dois projetos de



pesquisa (iniciação científica) coordenados pela professora Klícia Araújo Campos, da Universidade Federal do Paraná, intitulados “Tradução de gêneros de literatura de cordel em Libras” e “Tradução de literatura de cordel em Libras: poéticas de ritmo e rimas”. Outras formas de veiculação desse tipo de literatura são os meios digitais, que se apresentam como a maneira mais usual; e a Escrita de Sinais ou SignWriting, que é menos usual.

Ao fim desta seção, é importante dizer que as discussões teóricas levantadas permitiram: a reflexão sobre a luta pelo reconhecimento linguístico das línguas de sinais; o histórico de produções literárias surdas, com bases teóricas que permitem as classificações das produções contemporâneas; e uma breve compreensão acerca da literatura de cordel em Libras. Na seção seguinte, as reflexões levantadas anteriormente serão utilizadas na tentativa de entender as relações culturais, linguísticas e artísticas que fazem do cordel uma literatura importante para a afirmação da identidade surda e nordestina.

### **Estou voando: análise do cordel *Resistência nordestina***

Algumas produções dos projetos de pesquisa da professora Klícia Campos são publicadas no canal “Mãos Arretadas”<sup>2</sup>, na plataforma de vídeos online *YouTube*. Em 08 de outubro de 2020, foi postado um vídeo de literatura de cordel produzida em Libras, em homenagem ao dia do nordestino (figura 3), intitulado *Resistência nordestina*, abordando questões culturais e de preconceitos sofridos por pessoas nordestinas que saem de sua região. Essa xenofobia é motivada por questões políticas e sociais.

<sup>2</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCnawbM63PmSZpPnNWktq7AA>>. Acesso em 20 de out. de 2020.

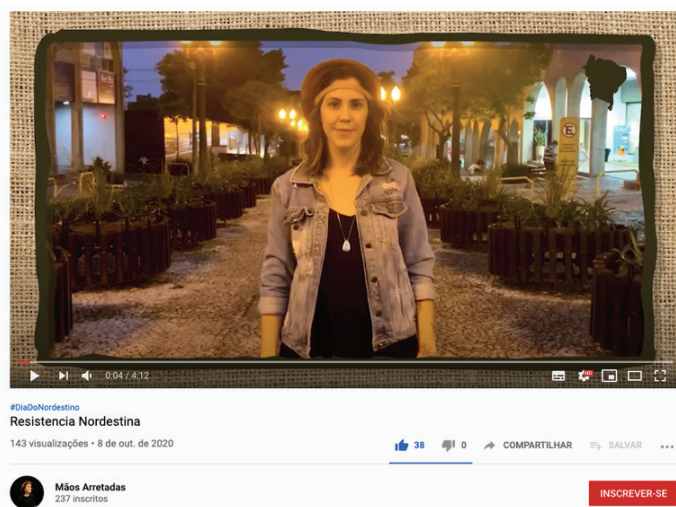


Fig. 3: Captura de tela do cordel em libras *Resistência nordestina*. Fonte: YouTube<sup>3</sup>

Klícia de Araújo Campos é surda cordelista e explica uma breve trajetória de sua vida em seu trabalho de dissertação de mestrado. Ela nasceu na Paraíba, foi criada em cidades do interior – como Campina Grande e Teixeira – e afirma que, por fazer parte da cultura nordestina, o cordel esteve sempre presente em seu cotidiano, além de outros aspectos culturais como a culinária e as vestimentas típicas dos festejos juninos. Em certos momentos de sua infância, quando estava no sítio de seu avô materno, Klícia Campos o via tocar violão cantando músicas com temas de vaqueiros.

Já tratando do cordel, este está dividido visualmente em duas partes. A primeira parte é gravada em uma alameda de pedestre;

<sup>3</sup>Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CsEitN8nI8I>>. Acesso em 25 nov. 2022.

a poeta utiliza um chapéu de couro de vaqueiro (figura 3) que representa a cultura e a vestimenta nordestina. A segunda parte (figura 4) é gravada com uma parede de fundo branco; nela, Campos utiliza uma faixa no cabelo, que traz à lembrança o famoso pôster feminista da década de 40, expressando o empoderamento e a força das mulheres (figura 5). Em todo o cordel, existe uma moldura que representa uma textura de saco de palha, que traz ao poema uma característica artesanal; também está presente um mapa monocromático da região nordestina no canto superior à direita. O cordel possui uma interpretação oral narrada por Jéssica Lacerda e legendas, ambas em português. A locução possui um nítido sotaque paraibano, de maneira que incorpora e se une à proposta de Klícia Campos.



Fig. 4: Segunda captura de tela do cordel em libras *Resistência nordestina*.

Fonte: *YouTube*<sup>4</sup>

<sup>4</sup>Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CsEitN8nI8I>>. Acesso em 20 nov. de 2022.



Figura 5 – Famoso pôster da década de 40. Fonte: *Hypeness*<sup>5</sup>

Antes de atentar aos aspectos linguísticos do conteúdo do poema, é importante salientar que na Libras não existem designações de gêneros masculino e feminino como no português. Existem diversas propostas de notação para a escrita das línguas

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2017/12/conheca-a-historia-por-tras-de-rosie-o-cartaz-simbolo-do-feminismo-que-nao-foi-criado-com-essa-intencao/>>. Acesso em 25 nov. de 2022.

de sinais e, neste trabalho, utilizaremos o “Sistema de Notação em Palavras”, que é utilizado em livros didáticos, como em Felipe (1997; 2007). Mesmo com a versão voz em língua portuguesa, foquei nos aspectos linguísticos e culturais da língua de sinais e da pessoa surda; por isso, quando falo dos sinais, utilizo letras em caixa alta. As palavras que possuem desinência de gênero em português terão um “@” no final, seguindo o sistema de notação escolhido. Em certos momentos, será mais conveniente utilizar o texto já interpretado para o português, utilizando letras minúsculas entre aspas.

Como explicado anteriormente, o cordel *Resistência nordestina* está registrado em vídeo, com duração de 4 minutos e 12 segundos e está disponível na plataforma online do *YouTube*<sup>6</sup>. Apenas a título de instrumentalização, a versão voz adaptada para a língua portuguesa está transcrita a seguir:

### Resistência nordestina

I

Imagina a vida do nordestino.

Nordestinos são pessoas, são famílias, estudantes,  
são mulheres, são sonhadores.

Têm sonho, querem ter um futuro, uma carreira.

O nordestino é forte, é corajoso, trabalhador  
e está representando o Brasil inteiro, em todo canto.

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CsEitN8nI8I>>. Acesso em 20 de out. de 2022.

O Brasil carrega toda diversidade cultural do Nordeste,  
o cordel, a música, suas danças,  
suas comidas, festas, suas belíssimas praias.  
Mas por quê? Por quê? Por quê?  
Por que que chamam o nordestino de burro?  
Por que que riem do sotaque nordestino?  
Por que as pessoas têm preconceito com nordestino?  
A minha vida aqui no Sul foi sofrida.  
Riram do meu sotaque, do meu estilo,  
me chamaram de burra, folgada, cabeça achatada.  
Não! Não! Não aceito!  
Eu sou resistência, sou mulher nordestina,  
tenho orgulho do meu Nordeste!  
Assim como o povo nordestino,  
um povo que não tem medo de ir à luta  
e não desiste fácil.  
Raiz do nordestino,  
povo batalhador,  
que não desiste fácil.  
Tenho orgulho de ser do Nordeste

## II

Sou gibão, boto as luvas,  
sou vaqueiro,  
sou cuscuz, sou rapadura,  
sou cantoria,  
sou flor de mandacaru.  
Carrego a cultura nordestina na minha mala.

Estou voando  
voando  
voando  
voando  
até que chego na cidade grande  
e vejo o movimento.  
Cavalgando nessa cidade,  
eu recebo palavras de ódio.  
Chega!  
Chega de preconceito!  
Tenho orgulho de ser nordestina!  
Tenho orgulho de ser cabeça chata  
do meu sotaque, do meu sertão,  
de ser estudioso, trabalhador.  
Queremos um futuro.  
Pegue sua mala  
e espalhe o orgulho de ser nordestino  
e o amor da flor de mandacaru.  
Vamos nos unir ao lado de pessoas,  
com união  
com igualdade  
com respeito  
e com amor.  
Tenho orgulho de ser nordestina!

(Campos: 2020)

Campos (2020) sinaliza, na parte I do cordel, uma série de adjetivos para definir pessoas nordestinas. Com base em sua

perspectiva, ela começa dizendo que “nordestinos são pessoas”, traz adjetivos como FORTE, CORAJOS@, TRABALHADOR@ e diz que possuem sonhos. A autora também faz referência a características geográficas da região, como as “belíssimas praias”, e exemplifica com artefatos culturais, incluindo o próprio cordel. Dessa maneira, percebe-se um olhar que atribui caráter humano aos nordestinos, reconhecendo, antes de tudo, que são pessoas. Esses adjetivos vão na direção contrária aos estereótipos negativos que são abordados em seguida.

A autora continua denunciando alguns preconceitos manifestados através do uso de palavras por pessoas de outras regiões. O sinal padrão NORDESTE ou NORDESTIN@ faz referência às características visuais da localização da região no mapa do Brasil, diferente do sinal CABEÇA-CHATA, com o qual Campos relata ter sido tratada. A autora ainda questiona o porquê de tratarem os nordestinos como burros e folgados. Também é possível compreender que as pessoas questionavam os sinais que Campos utilizava, típicos de sua comunidade de fala original. À vista disso, percebemos um indício de preconceito linguístico contra as comunidades de fala nordestinas em Libras.

Na parte II, a autora sinaliza imagens, utilizando verbos manuais, classificadores e sintaxe espacial como, por exemplo: vestindo o gibão<sup>7</sup>, colocando as luvas e o chapéu; ou seja, incorporando a cultura nordestina. As línguas de sinais, por serem

<sup>7</sup>Traje típico utilizado por vaqueiros para adentrar na caatinga.



línguas visuais, permitem e exigem essas estratégias; já na versão em língua portuguesa, foi utilizado o verbo de ligação “ser”<sup>8</sup>.

A parte II também possui alguns trechos parecidos com o poema “Orgulho de ser nordestino”<sup>9</sup>, do famoso poeta paraibano Bráulio Bessa, uma referência de identificação cultural e regional, fruto da interseção da cultura surda e da nordestina, como levantado por Campos (2017). Bráulio Bessa, em seu poema, também traz as palavras “cuscuz”, “rapadura”, “gibão”, “vaqueiro”, faz referência a características geográficas da região, ao sotaque e a algumas questões sociais do Nordeste e finaliza mostrando seu orgulho de ser nordestino. Nas duas obras, uma feita por uma pessoa surda e outra por uma pessoa ouvinte, as línguas (e consequentemente a cultura) são distintas, mas possuem pontos de encontro: a vivência nordestina.

Apesar de as referências utilizadas por Klícia Campos na parte II de seu cordel sinalizado serem próximas a uma obra de língua portuguesa, baseando-me no referencial teórico apresentado, concluo que Campos não traduziu ou adaptou uma obra literária em cordel, e sim estabeleceu a criação de literatura de cordel por uma pessoa surda. Assim sendo, o texto analisado se enquadra na terceira classificação levantada por Porto e Peixoto (2011, 169): “a produção de textos em prosa ou verso feitos por surdos”.

<sup>8</sup> Em Libras, o verbo SER é utilizado em raras ocasiões e contextos específicos, muitas vezes influenciado pela cultura oral.

<sup>9</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jUNhJeOesG0>>. Acesso em 15 de out. de 2020.

## **Tenho orgulho de ser nordestina**

Assim como o cuscuz é presente na mesa do povo nordestino como um prato básico, para contextualizar a situação das produções literárias em Libras, inicialmente, levantei neste trabalho o histórico da educação de surdos e do reconhecimento das línguas de sinais. Em outro momento, trouxe a questão da literatura de cordel e de como é o seu contato com a comunidade surda. De acordo com os trabalhos utilizados, existe uma cultura que emerge da interação entre a cultura surda e a nordestina, que é tão bonita e doce como a rapadura.

O cordel utilizado para esta análise evidencia que as vivências culturais de pessoas nordestinas, em sua região original, possuem artefatos comuns a pessoas surdas e ouvintes: as vestimentas, as danças, e as percepções das características visuais que as cercam são muito próximas. Já em termos linguísticos e literários, as duas línguas em contraste são distintas: Libras e português possuem tradições e produções próprias. Ainda é possível perceber, no contexto linguístico, experiências próximas, como o preconceito revelado através do uso de palavras ou de sinais contra pessoas nordestinas. Um exemplo disso são os adjetivos que Klícia Campos utilizou em seu cordel para contrapor sua visão de nordestino com as palavras de ódio que recebeu quando chegou ao Sul. Além disso, faz referência ao termo “cabeça-chata”, utilizado também pela comunidade surda de outras regiões, como um outro sinal, de sentidos preconceituosos, para NORDESTIN@.

De um modo mais específico, as estratégias visuais empregadas na adaptação para a língua de sinais evidenciam as

características artesanais da literatura de cordel. Para a declamação, foi utilizada uma moldura com textura de saco de palha, que faz referência a um tecido mais característico de algumas regiões do Nordeste, e também a vestimenta. Esta se apresentou como peça fundamental para a concretização do cordel, como elemento que se caracteriza através da modalidade viso-motora da Libras e como meio de incorporação da cultura nordestina.

Em todo momento, pegamos carona nas asas do cordel e alçamos um voo pelos estudos culturais. As reflexões levantadas nos permitiram compreender relações sociais, linguísticas e artísticas que fazem do cordel uma literatura importante para a afirmação e o orgulho da identidade surda e nordestina. Destaco, ainda, o diálogo sinestésico, a fluidez de sentimentos e a fruição literária que contribuem para a beleza estética desse cordel, que, de acordo com a tradição sinalizada, prima por imagens e movimento, caminho que as pessoas surdas percorrem para a apreensão da realidade.

## Referências

- BRASIL. *Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 19 out. 2022.
- CAMPOS, Klícia de Araújo. *Literatura de cordel em Libras: os desafios de tradução da literatura nordestina pelo tradutor surdo*. Dissertação (Pós-Graduação em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185578>. Acesso em 15 out. 2022.
- CAMPOS, Klícia de Araújo. *Resistência nordestina*. Youtube, 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CsEitN8nI8I>>. Acesso em 25 nov. 2022.
- FELIPE, Tanya Amara. *LIBRAS em contexto: curso básico*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 1997.
- FELIPE, Tanya Amara. *LIBRAS em contexto: curso básico*. 8ª ed. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2007.
- PORTO, Shirley Barbosa Neves; PEIXOTO, Janaína. Aguiar. *Literatura visual*. João Pessoa: UFPB, 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/libras/wp-content/uploads/2017/02/Literatura-Visual.pdf>. Acesso em: 22 out. 2022.

- SOUZA, Eneida Maria de. *Estudos culturais e literatura* [jun. 1998]. Belo Horizonte: TV Universitária de Belo Horizonte/TV UniBH, 26 de jun. de 1998. Entrevistador: Helton Gonçalves de Souza. Entrevista concedida ao programa “Vereda Literária”. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=w\\_46SbcVDic](https://www.youtube.com/watch?v=w_46SbcVDic). Acesso em: 20 out. de 2022.
- STOKOE JR, William C. “Language Structure: an Outline of the Visual Communication System of the American Deaf” [1960]. *The Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, Volume 10, Issue 1, Pages 3–37, Winter 2005.
- STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: EdUFSC, 2008.
- STROBEL, Karin. *História da educação de surdos*. Florianópolis: EdUFSC, 2009. Disponível em: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf). Acesso em: 25 nov. 2022.

## Resumo

Este trabalho apresenta uma análise de um cordel criado em Língua Brasileira de Sinais (Libras), feito por uma autora surda, cuja temática é a cultura nordestina. Essa possibilidade só surgiu após alguns anos, pois a literatura surda possui registros apenas a partir da década de 1960 por causa do contexto acadêmico e político de pouco reconhecimento das línguas de sinais. Atualmente, os estudos de literatura surda classificam as obras literárias sinalizadas com base em sua tradução, adaptação ou criação original. A literatura de cordel em Libras se constitui em um ponto de interseção entre a cultura surda e a cultura nordestina. Nesse cenário, foram investigados: o modo como a pessoa nordestina foi retratada no cordel, as estratégias empregadas para a adaptação à Libras de um gênero literário típico da cultura oral de língua portuguesa, os sinais utilizados para fazer referência à cultura e às pessoas nordestinas, e os processos visuais manipulados para capturar elementos da literatura de cordel. A interpretação da obra, adaptada para o português, foi transcrita, e capturas de tela foram mostradas para evidenciar a descrição e a análise. O resultado demonstra que o cordel em Libras, dentro de uma moldura de tela com textura de palha e trajes regionais que transpõem o gênero para uma modalidade sinalizada, se refere às pessoas nordestinas como “sonhadoras”, “trabalhadoras”, “corajosas”, e revela vivências comuns a pessoas nordestinas surdas e ouvintes, desmascarando o preconceito linguístico e a xenofobia.

**Palavras-chave:** literatura surda; literatura de cordel; cordel em Libras; estudos culturais; literatura.

## Abstract

This paper presents an analysis of a cordel created by a deaf author in Brazilian Sign Language (Libras), whose theme is Brazilian Northeastern culture. This is a recently emerged possibility, because deaf literature

has records only from the 1960s onwards due to the poor recognition of sign languages in the academic and political context. Currently, deaf literature studies classify literary works in sign language based on their translation, adaptation or original creation. Cordel literature in Libras constitutes a point of intersection between deaf culture and Brazilian Northeastern culture. In this scenario, we investigated: the portrayal of a Northeastern person in the cordel, the strategies employed to adapt to Libras a literary genre typical of the oral culture in the Portuguese language, the signs used as a reference to Northeastern culture and people, and the visual procedures adopted to highlight the elements of cordel literature. The interpretation of the work, adapted to Portuguese, was transcribed and screenshots were shown to support the description and analysis. The result points out that the cordel in Libras, portrayed in a canvas frame with a straw texture and regional costumes to transpose the genre into a sign language modality, refers to Northeastern people as courageous hard workers and dreamers, revealing experiences common to deaf and hearing people from the Northeast and unmasking linguistic prejudice and xenophobia.

**Keywords: deaf literature; cordel literature; cordel in Libras; cultural studies; literature.**

*Submetido em 25 de novembro de 2022.*

*Aceito em 06 de dezembro de 2022.*